

Elemento cor

percepção, presença, representação

verão de 2023



A Cocoa Estate in Trinidad. Frank Newbould (1887–1951) and Johnson, Riddle and Co. Ltd (active c.1927–1945) and Her Majesty's Stationery Office (HMSO). Lithograph on paper. Art UK. Manchester Art Gallery. Gift from the Empire Marketing Board, 1935. This image is available to be shared and re-used under the terms of the Creative Commons Attribution NonCommercial No Derivatives licence (CC BY-NC-ND).

COL22

Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do
Programa de Pós-Graduação em Artes da
Universidade Federal do Espírito Santo.

Revista do Colóquio, v. 13, n. 22, verão de 2023
Elemento cor: percepção, presença, representação

N.22

Dália Rosenthal . Alana Victoria Rodor . Eva Caroline de Sena Castro .
Mateus Dutra Brandão Moreira . Daniela Fávaro Garrossini . Isaura
Gurian Donadio . Roney Jesus Ribeiro . Dakí . Fábio Ortiz Goulart .
Andrew Vieira Maio . Rosely Kumm . Aline Cristina Gomes Ramos .
Giulia dos Santos Araújo . Maria Betânia e Silva . Beatriz Costa da Silva
Silvestre . André Arçari . Javier Maderuelo . Walter Karwatzki

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor

Paulo Sergio de Paula Vergas

Vice-reitor

Roney Pignaton da Silva

Centro de Artes

Diretora

Larissa Zanin

Vice-diretora

Maira Pêgo de Aguiar

Secretária

Fátima Canal

Programa de Pós-Graduação em Artes

Coordenação

Prof. Dr. Aparecido José Cirilo

Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa

Editores

Dr.^a Angela Maria Grandó Bezerra, PPGA-UFES

Ma. Fabiana Pedroni, PPGHS-USP/FAEV

Me. Rodrigo Hipólito, DTAM-UFES/FAEV

Conselho editorial

Dr. ^a Ana Maria Albani de Carvalho, PPGAV-UFRGS

Prf.^a Dr. ^a Aissa Afonso Guimarães, PPGA-UFES

Prof. Dr. Alexandre Emerick Neves, PPGA-UFES

Prof.^a Dr. ^a Almerinda da Silva Lopes, PPGA-UFES

Prof.^a Dr. ^a Angela Maria Grandó Bezerra, PPGA-UFES

Prof. Dr. Aparecido José Cirillo, PPGA-UFES

Prof. Dr. Carlos Henrique Resende Falci, PPGARTES-UFMG

Prof. Dr. Erly Milton Vieira Junior, PPGA/PPGCOS-UFES

Prof. Dr. Fabio Luiz Malini, PPGA/PPGCOS-UFES

Prof. Dr. Gaspar Leal Paz, PPGA-UFES

Prof.^a Dr. ^a Gisele Barbosa Ribeiro, PPGA-UFES

Prof. Dr. Jorge Luiz Cruz, PPGARTES-UERJ

Prof.^a Dr. Maria de Lima e Muniz, PPGARTES-UFMG

Prof. Dr. Mauricius Martrins Farina, PPGAV-UNICAMP

Prof. Dr. Paulo Antônio Menezes Pereira da Silveira,

PPGAV-UFRGS

Prof. Dr. Rodrigo Guéron, PPGARTES-UERJ

Prof. Dr. Ricardo Maurício Gonzaga, PPGA-UFES

Editores N.20, Mundos habitáveis: imagens, corpos, lugares e discursos

Fabiana Pedroni

Rodrigo Hipólito

Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES – ano 1, vol. 1, n. 1 (dez. 2011). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2011- .

Ano 13, n. 22, (verão. 2023).

Semestral. Com publicações no inverno e no verão.

1. Artes visuais – Periódicos. 1. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes.

ISSN: 2358-3169

O conteúdo dos Artigos, Relatos de Experiência e Ensaio Visuais são de inteira responsabilidade das autorias.

SUMÁRIO

Apresentação5

ARTIGOS

Território Terra: Relatos Sobre Processos De Colaboração Na América Latina
(11-30)

Dália Rosenthal

Figurinos em Persona: a narrativa visual em perspectiva (31-46)

Alana Victoria Rodor

Mediação museológica e os desafios da inclusão: um estudo sobre o Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos (47-60)

Eva Caroline de Sena Castro

Videogravuras: processos híbridos do vídeo (61-78)

Mateus Dutra Brandão Moreira

Daniela Fávaro Garrossini

A colorimetria em “Heathers” (79-96)

Isaura Gurian Donadio

O caráter mutável da obra de arte: a mona lisa sob a perspectiva do historicismo (97-114)

Roney Jesus Ribeiro

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

BENJAMIN MANCHA/TOM BIELORRUSSO (116-130)

DAKÍ

Os EmPanados: a poética da criação de personagens em tecido (131-143)

Fábio Ortiz Goulart

Andrew Vieira Maio

A experiência perceptiva do espaço escolar pela prática artística (144-156)

Rosely Kumm

Do vívido ao apagamento: a cor em “Índios do Brasil” de Vitor Nogueira (157-169)

Aline Cristina Gomes Ramos

Giulia dos Santos Araújo

As várias vezes que me pinte por aí: uma análise sobre autorretrato (170-192)

Maria Betânia e Silva

Beatriz Costa da Silva Silvestre

RESENHA

Sobre “Wolfgang Tillmans – four books” (194-203)
André Arçari

TRADUÇÃO

Aquilo que chamamos de paisagem (205-214)
Javier Maderuelo
Tradução de Rosely Kumm

ENSAIO VISUAL

ASFIXIA (216-226)
Walter Karwatzki

Diretrizes para autories227

ELEMENTO COR: PERCEPÇÃO, PRESENÇA, REPRESENTAÇÃO

Olhei para um objeto muito claro, como o Sol ou sua imagem refletida. Depois, por alguns instantes, continuou existindo uma impressão de cores nos meus olhos: os objetos brancos pareceram vermelhos, e assim se comportaram todos os objetos em uma área iluminada, mas quando eu entrei num quarto escuro, a ilusão se tornou azul. (Newton, 1666, *apud* Ribeiro, 2017, p. 13)

Ao propor pensar a cor como elemento, consideramos que o primeiro termo possui uma variedade interessante de significados. Um elemento pode ser um componente, uma unidade, um ingrediente, uma simples informação, como um dado; pode ser um recurso completo, uma referência, um informe ou os subsídios para uma ação; pode ser uma partícula, a matéria, a substância, ou o meio, o ambiente, o universo em que fenômenos existem; pode ser um indivíduo, o sujeito, um tipo de pessoa específica que se destaca ou se mistura aos demais; pode ser o fundamento, a base, a noção primeira.

Essa amplitude é compartilhada com a cor. Não é de se estranhar que as pesquisas e questionamentos em torno da cor foram e podem ser feitos com relação às produções de arte e cenários das mais diversas épocas e locais. Da compreensão sobre a percepção das cores até as possibilidades significativas de seu uso em trabalhos específicos, sua presença é uma constante nas pesquisas poéticas, na história e na crítica de arte.

A liberação da cor como elemento expressivo pelos fauvistas, no começo do século XX, estava longe de ser o ponto final nas experiências e formulações artísticas que dão centralidade à cor. Se escaparmos de narrativas hegemônicas sobre a modernidade (suas gêneses, sua organização e os destinos de suas heranças), mesmo as propostas mais

extremas, como o suprematismo de Malevitch e a aversão ótica dos dadaístas, germinam dúvidas e contraposições, décadas depois. Irene V. Small (2017), reposiciona o entendimento do uso da cor-pigmento por Yves Klein e Hélio Oiticica, o que a leva a refletir tanto sobre a situação pós-pictórica de ambos quanto sobre condição de transobjetos, abertos para a construção de uma espécie de “corpo de cor”, nos bólides do artista brasileiro. Essa última afirmação deve ser considerada antes das demais, dado que a cor apenas nos aparece atrelada a objetos, sejam eles artísticos ou não. Em todo o caso, ainda nos objetos de valor artístico, a presença da cor, na lógica industrial, torna mais íntima a relação entre obras de arte e objetos fabricados para outros fins.

Em uma série de entrevistas e declarações do início da década de 1960, Marcel Duchamp comentou a provocação de sua dita última pintura, *Tu m'* (1918), observando que toda pintura era essencialmente *readymade*, um trabalho de *assemblage*, uma vez que o tubo de tinta em si era um produto fabricado. Esta observação aparentemente situaria no século XIX a origem histórica de uma prática de pintura orientada à industrialização como também a regularização da cor por meio da fabricação de tubos de tinta. Entretanto, a história da cor processada indica uma trajetória mais complexa de comercialização, que vai desde a indústria medieval do lápis-lazúli à introdução no século XX do vermelho de cádmio. No Brasil, a transferência de tintas importadas da categoria de bens de luxo altamente tributados para a categoria de matérias-primas moderadamente tributadas, determinada em 1954, reposicionou a tinta, de mercadoria para o consumo a material para a produção. A nova lei colocou as belas-artes sob o signo da industrialização e concebeu o trabalho artístico em termos de transformação de matérias-primas em mercadorias. Pigmentos, no entanto, foram avaliados de forma diferente: aqueles destinados à indústria de tintas local foram importados a baixas tarifas, exceto os abundantes no Brasil, tais como os óxidos de ferro, que eram valorizados como commodities independentes para exportação e como matérias-primas destinadas à produção local. O pigmento, ao contrário da tinta, jamais poderia escapar à identidade como mera matéria “bruta” e

“mero” produto comercial. Seu status de “trans” no espectro industrial de produção de mercadoria coincidiu, assim, com sua posição intermediária em uma prática de pintura. (Small, 2017, p. 271).

Se, de um lado, a modernidade trouxe os debates formalistas e materialistas sobre a cor, assim como com relação a quase todos os temas, as condições metafísicas da cor já eram tópico de discussão desde a antiguidade. As cores que observamos seriam propriedade indissociável dos objetos ou surgiriam de nossa percepção do mundo, de modo que não existiria cor concreta, mas apenas as impressões individuais de cada cor? Como eu poderia saber que a cor que eu observo é a mesma que você percebe?

Os cétricos antigos admitiriam que as coisas aparecem de tal ou tal cor para nós, porém, isso seria admitir somente que é em relação a nós que elas aparecem com essa ou aquela cor, mas, sobre se as coisas têm realmente essa ou aquela cor, eles suspenderiam o juízo. (Smith, 2023, p. 477)

Não que os cétricos antigos e modernos defendessem que as cores são apenas sensações que os objetos físicos produzem em nós. É certo que as cores são qualidades dos objetos e poderíamos sempre recorrer às explicações mais detalhadas sobre o comportamento da luz. Ainda assim, a percepção da cor continua a se dar pela relação com os objetos, de modo individual e sob condições subjetivas.

A difusão e propagação da luz deixam-se determinar mediante medições e fixar em forma matemática, também a luz pode ser classificada como um número – um comprimento de onda de luz, em nossa designação atual. Com isso, a óptica torna-se aquilo que comumente denominamos de ciência exata, afirmando-se enquanto tal na medida em que nos ensina a construir instrumentos ópticos mais precisos, os quais nos abrem uma parte do mundo que não seria diretamente acessível aos nossos sentidos. Por outro lado, é compreensível que essa

doutrina, que possibilita certo domínio sobre o fenômeno da luz e o faz útil a fins práticos, de modo algum nos proporciona apreender vivamente com nossos sentidos o mundo colorido que nos cerca. (Heisenberg, 2015, p. 209)

Por mais que nos esforcemos para encontrar padrões de reprodução e refinar nossos sistemas de colorimetria, nossas relações com a cor não poderiam ser explicadas somente pelas vertentes fisicalistas ou pelas subjetivistas (Matsushima, 2001, p. 59). Quando pensamos em obras de arte, nos voltamos para uma multiplicidade de focos. Processos técnicos não estão separados de escolhas pessoais, sistemas de exibição não estão separados das percepções individuais e coletivas, análises formais não se separam de discursos.

Com principal interesse nas pesquisas desenvolvidas no interior do campo da arte, a Revista do Colóquio expande, a cada edição, os diálogos com diversas áreas de conhecimento, nas quais se desenvolvem debates e investigações aderentes às suas temáticas.

Em seu 22º número, a Revista do Colóquio apresenta trabalhos que expõem processos, análises críticas e narrativas históricas em diversos contextos ligados à percepção, à representação e a presença da cor em trabalhos de arte, com seus mais diversos aspectos poéticos, filosóficos, antropológicos, sociopolíticos e culturais. Além dos textos incluídos na temática que dá título à essa edição, apresentamos artigos, relatos de experiência, ensaios visuais, resenhas e traduções de temática livre.

Referências

HEISENBERG, W.. A doutrina goethiana e newtoniana das cores à luz da física moderna (Conferência proferida em 5 de maio de 1941 na Sociedade para Colaboração Cultural de Budapeste)1. *Scientiae Studia*, v. 13, n. 1, p. 207–221, jan. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss/a/C5BfhG7XQQfmv6FHtHwbLFQ/>

MATSUSHIMA, E. H.. A questão ontológica da percepção de cor. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 11, n. 20, p. 59–66, 2001. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2001000100007>

RIBEIRO, J. L. P.. “Sobre as cores” de Isaac Newton - uma tradução comentada. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 39, n. 4, p. e4604, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9126-RBEF-2016-0307>

SMALL, I. V.. Pigment pur e o Corpo da côr: prática pós-pictórica e transmodernidade. **ARS (São Paulo)**, v. 15, n. 30, p. 255–276, maio 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2017.138499>

SMITH, P. J.. Sobre o status metafísico das cores. **Trans/Form/Ação**, v. 46, n. spe1, p. 473–500, jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2023.v46esp1.p473>

Editores.

ARTIGOS

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

RESENHA

TRADUÇÃO

ENSAIO VISUAL

DIRETRIZES PARA AUTORIES

Importante:

- Para envio de trabalhos em quaisquer seções, é obrigatório o uso do [documento modelo](#).
- Não escrever títulos com todas as letras em maiúscula.
- É obrigatória a inclusão do ID ORCID ou link para o currículo Lattes no campo indicado como URL, no formulário.
- É obrigatória a inclusão de descrição de cada imagem incluída no trabalho.
- Exclua os nomes das pessoas autoras do documento antes de realizar o envio.

Pedimos que leia atentamente todos os pontos das diretrizes antes de iniciar o preenchimento de seus cinco passos de submissão. A inadequação a quaisquer dos itens abaixo, presentes no documento submetido e/ou no formulário de submissão, acarretará a recusa do material.

Serão aceitas submissões de propostas de estudantes de graduação, pós-graduação, professores mestres e doutores, pesquisadores independentes e artistas.

A Revista do Colóquio recebe propostas em cinco modalidades: (i) artigo, (ii) relato de experiência, (iii) ensaio visual, (iv) resenha, (v) tradução.

As propostas podem ser compostas originalmente nos seguintes idiomas: (i) português, (ii) espanhol, (iii) francês ou (iv) inglês. Nos casos de trabalhos em inglês ou espanhol, a Revista do Colóquio poderá realizar a publicação tanto do original quanto de tradução para o português.

A Comissão Editorial reserva-se o direito de redefinir a seção das submissões. As propostas submetidas para o próximo número da revista, que não sejam aceitas, permanecerão arquivadas para possíveis publicações futuras, caso haja concordância das pessoas autoras.

Será permitida a submissão de uma proposta para cada modalidade por parte de uma mesma pessoa proponente.

Não serão aceitas submissões para mais de uma modalidade com o mesmo título ou conteúdo.

As pessoas autoras dos trabalhos submetidos não poderão ser identificadas no corpo do texto, em atendimento ao requisito de avaliação cega adotado. Notas e citações que possam remeter à identidade das pessoas autoras deverão ser excluídas do texto.

As propostas enviadas devem seguir as normas para cada categoria, como listadas abaixo.

Artigos

O artigo deve ser composto em Times New Roman, 12, e deverá conter:

Título em negrito centralizado; Título em inglês no mesmo formato; resumo em até 10 linhas, justificado e com espaçamento simples, seguido de até 5 palavras-chave; *abstract*, no mesmo formato do resumo, em itálico, seguido de até 5 *keywords*, em itálico; corpo do texto justificado, entre linhas de 1,5 e parágrafo em 0 pt;

Não devem ser inseridas quebras de página ou de seção;

Notas de rodapé devem estar em fonte 9, espaçamento simples, alinhadas a esquerda e numeradas com caracteres arábicos;

Figuras devem estar dispostas no corpo do texto, em formato jpg, em 300 dpi, com lado menor de até 10cm; devem ser acompanhadas de especificação técnica (título, autor, ano e fonte) e serem numeradas

(figura 01, figura 02...);

Para acessibilidade de leitores de tela, exige-se que a legenda de cada imagem contenha uma descrição objetiva e funcional da figura.

A página deve estar com margens de 2cm inferior e a direita e 3cm superior e a esquerda;

As referências devem seguir o padrão ABNT mais recente;

O artigo deve possuir entre 10 e 15 páginas do título à última referência;

Relato de Experiência

O Relato de experiência deve seguir as mesmas especificações do Artigo, porém, limita-se a 10 páginas do título à última palavra do texto e não possui a obrigatoriedade de referências bibliográficas (caso as apresente, essas devem seguir as normas da ABNT);

Ensaio Visual

O Ensaio Visual deve conter: Título em negrito, centralizado; apresentação da proposta em até 1000 palavras, justificadas; conteúdo de até 12 imagens;

Deve ser enviado em formato doc ou docx, A4, com margens superior e esquerda de 3cm e inferior e direita de 2cm;

Todo o texto deve ser composto em Times New Roman, 12, espaçamento 1,5, parágrafo em 0 pt;

As imagens devem estar em formato jpg, em 300dpi, obedecendo o tamanho limite das margens;

As medidas das imagens poderão sofrer alterações no processo de diagramação para publicação;

As imagens devem ser também anexadas como documentos suplementares, separadas do arquivo de texto;

Resenhas

A resenha deve seguir as mesmas especificações dos artigos, porém, limita-se a 5 páginas do título à última palavra do texto e não possui a obrigatoriedade de referências bibliográficas além do livro resenhado (caso as apresente, essas devem seguir as normas da ABNT);

Somente serão aceitas resenhas de livros publicados até quatro anos antes do envio do trabalho.

Traduções

A tradução deve seguir as mesmas especificações dos artigos, porém, limita-se a 5 páginas do título à última palavra do texto e não possui a obrigatoriedade de referências bibliográficas além do texto traduzido (caso as apresente, essas devem seguir as normas da ABNT);

Somente serão aceitas resenhas de livros publicados até quatro anos antes do envio do trabalho.

Ressalta-se que, para publicação de traduções, é necessário que a pessoa tradutora apresente autorização do veículo que publicou o texto original e/ou da pessoa autora.

Para envio de trabalhos em quaisquer seções, é obrigatório o uso do [documento modelo](#).

Declaração de Direito Autoral [EditarEditar Declaração de Direito Autoral](#)

As pessoas autoras de trabalhos submetidos à Revista do Colóquio autorizam sua publicação em meio físico e eletrônico, unicamente para fins acadêmicos, podendo ser reproduzidos desde que citada a fonte. Os mesmos, atestam sua originalidade, autoria e ineditismo.

Política de Privacidade [EditarEditar Política de Privacidade](#)

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

<https://periodicos.ufes.br/colartes>